

Sobre o Divã¹

Fernando Barbosa de Almeida²

Resumo

O presente trabalho mostra o significado histórico do divã na Pérsia e no Império Otomano e Greco-Romano, e o aproveitamento que Freud fez dele na Psicanálise, desde a hipnose. Segue descrevendo os benefícios e as implicações éticas e técnicas que dele advêm, e, finaliza concluindo que a razão maior do seu uso, deve-se à estrutura da transferência.



Consultório de Freud em Viena

Partindo da concepção freudiana acerca do determinismo psíquico que diz que nada acontece por acaso, o que faz o divã no consultório do analista? Divã, etimologicamente falando, é uma peça do mobiliário sem encosto e sem braços. Na Pérsia designa, efetivamente, um lugar de simbolização e de fala. Freud, em *"Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise"* (1916), traz uma citação de Goethe na qual a palavra divã significa "coleção de poemas". No império Otomano, divã indicava o conselho do Estado presidido pelo Sultão ou a Assembléia dos Conselheiros. Por extensão, indicava também a sala de reunião dos membros do Conselho e, por contigüidade, o lugar guarnecido de almofadas onde se reclinavam os conselheiros para falar e discutir as leis do Estado e, algumas vezes, para escutar sentença de morte.

No Ocidente, a palavra divã perde parte do seu sentido histórico e passa a significar o móvel onde as pessoas podem se sentar, distinguindo-se do sofá e da cama pelo fato de não ter espaldar nem braços.

O divã de Freud, na Rua Berggasse, em Viena, faz lembrar os divãs otomanos em sua cor vinho-cardeal, em seus arabescos amarelo-dourados e no estilo Persa de suas almofadas e tapetes. Se o divã, em suas raízes históricas, remonta a um mundo Romano e Otomano e Greco-Romano, como lugar onde se fala de lei, de amor e de morte, o divã de um analista é uma herança da hipnose, quando Freud, prosseguindo as investigações sobre a histeria, abandona o método hipnótico que vinha utilizando conjuntamente com Breuer, primeiro, porque eram numerosos os pacientes que apresentavam resistência a seu emprego, e, segundo porque seus resultados eram pouco satisfatórios.

Foi sua paciente, Emmy von N., em 1889, quem deu a sugestão a Freud, quando pede para ele calar-se e escutar o que ela tem a dizer. Neste momento, ele abandona a hipnose – mas mantém o divã – e a substitui pelo método da associação livre com o que, em suas palavras, nasceu a psicanálise. Com a associação livre, Freud impõe uma única regra ao analisante: falar o que lhe vier à mente, fazendo assim associações isentas de crítica e independentes de toda a reflexão consciente.

Nessa troca da hipnose pela associação livre a prioridade passa a ser a fala do sujeito e nela, a escuta do inconsciente. Ao

¹ Trabalho apresentado na IV Jornada do GPAL em agosto/2004.

² Psicólogo clínico (UFPE), Psicanalista do GPAL.

introduzir-se no divã, o analisante vê favorecida a possibilidade do surgimento da associação livre, tira de cena a imagem do outro, representada na pessoa do analista, abrindo caminho para o surgimento do Ideal do Outro.

Freud em seu artigo *"Sobre o início do tratamento"* diz:

"Não suporto ser encarado fixamente por outras pessoas durante oito horas ou mais por dia, visto que enquanto escuto o paciente também me entrego a corrente de meus pensamentos inconscientes e não desejo que minhas expressões faciais dêem a ele material para a interpretação ou influenciem no que me conta, pois tenho os propósitos de, primeiro, impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, e, segundo, isolar a transferência para permitir-lhe que ela apareça no devido tempo, nitidamente definida como resistência". (1913, p. 176).

Aqui, começamos a tentar entender a questão formulada anteriormente, no início deste trabalho: para que o divã?

Freud indiscutivelmente tinha uma intenção com isso e penso que muito mais pelos ganhos éticos e técnicos que obtém ao usá-lo, do que por outros motivos. Ao defender o uso do divã, ele preserva sua concepção teórica e ética acerca do fenômeno da transferência como resistência, tirando de cena qualquer possibilidade externa que impeça sua desejada manifestação. Juan David Násio em *"O Olhar em Psicanálise"* de 1995, chega a afirmar que o olhar inconsciente do psicanalista é uma autopercepção endopsíquica, isto é, aquilo que ocorre no momento da emergência de uma imagem escópica, quando o próprio inconsciente percebe o inconsciente.

Mas o uso do divã implica, em si, algumas considerações. A indicação feita pelo analista para que seu analisante deite-se no divã marca o fim das entrevistas preliminares, definindo aí a entrada em análise. A entrada em análise via divã possibilita ao par analista/ analisante o mergulho para o Inconsciente, fugindo das fantasias

imaginárias para buscar o que há de simbólico. É, portanto, um ato analítico que objetiva favorecer a transferência: não há mais para onde ou para quem olhar a não ser para si mesmo. Ficar privado da visão do analista favorece a criação do espaço da ilusão, condição muito bem desenvolvida por Masud Khan em *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos* (1977) e já descrita por Freud em *"A Terapêutica Analítica"* (1909), onde ele diz que a análise deve o máximo possível efetuar-se num estado de frustração, de abstinência.

Fenichel, em *"Problemas da Técnica Psicanalítica"*, de 1951, citado por Quinet (1998, p. 42) diz que: *"o divã pode ser dispensado em caso de recusa do paciente ou quando ele se encontra por demais desejoso de se deitar"*. Aqui cabe uma discussão a respeito de se essa recusa ou esse desejo exacerbado pelo divã não seria algo a ser analisado, sobretudo se pensamos a questão do tempo para a análise – tema já desenvolvido por Almeida & Leitão (2003). Foi dito então da importância de se observar a questão do tempo pessoal e subjetivo que determina o momento para se iniciar uma análise, e, ainda, se considerarmos que, segundo Freud, nenhuma permissão deve ser dada à pulsão escópica e à satisfação pulsional.

O que se pretendeu com o isolamento visual que o divã propicia? O isolamento do campo da visão consistiu em desviar o olhar da histérica e passar a ouvi-la melhor. Assim, mudou-se também o foco de preocupar-se com o doente mais do que com a doença. A dor histérica, até então incompreendida, passou, com Freud e o divã, a ser falada e ouvida. Deslocou, assim, ele o centro da sua atenção da visão para a audição, modificando o discurso médico psiquiátrico onde o que prevalecia era a prática do olhar médico, que consistia em procurar encontrar lesões anatômicas nas manifestações somáticas das históricas. No dizer de Joel Birman, citado por Siqueira, (1996, p.20), *"deixou-se de olhar o corpo da histérica para escutar os seus gemidos"*.

A visão não é o olhar. Ver é ver o mundo que está diante de nós, e olhar é fixar a vista num detalhe, num aspecto particular daquilo que estamos vendo. Násio (1995), a propósito, afirma

que é preciso que a visão seja excluída do espaço da sessão analítica para que o olhar tenha mais potência.

Lacan, no Seminário 11 – *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, citado por Medeiros (2003, p.64) afirma que o plano da reciprocidade do olhar-olhado é para o sujeito o mais propício ao alibi. Nesse sentido, podemos pensar em um objetivo tático de dissolver a pregnância do imaginário da transferência para que o analista possa distingui-la no momento de sua pura emergência nos dizeres do analisante. Privilegiar a fala, a auto-observação em detrimento da visão.

Antônio Quinet, em seu livro *As 4+1 Condições da Análise*, diz que:

“Se a cama é o leito do sono, o divã não é para se ficar deitado no berço esplêndido das regressões a um infantilismo da libido. Se a cama é para dormir e sonhar, o divã é para relatar e despertar. O divã é o leito do rio em que passou a minha vida e meu coração se deixou contar”.(1998, p. 54).

Mas a principal razão do uso do divã deve-se à estrutura da transferência. A indicação do divã como parte da estrutura da transferência, na entrada em análise, é um ato analítico que visa favorecer a transferência no corte que faz entre o imaginário e o simbólico. E a medida desse ato é o real e não a atuação. Momento de ver, momento de passagem que emerge de modo particular em cada caso, todos eles, porém, apontando para a Outra Cena, para mais além, para sobre o divã.

Referências bibliográficas

Almeida, F. B & Leitão, H. (2003). O tempo para a análise e o tornar-se analista. *TÓPICA. Revista de Psicanálise*, nº2, 19-23, Maceió.

Birman, J. (1993). *Ensaio da Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .

Freud, S. (1977). *Sobre o início do tratamento*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (1977). *A Terapêutica Analítica*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol XI. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1909).

Freud, S. (1977). *Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol XVI. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1916).

Khan, M. (1977). *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

McDougall, J., Mannoni, O., Vasse, D., & Dethville, L (1991). *O divã de Procusto*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Medeiros, A. (2003). *Inventar-se analista*. Recife: Bagaço.

Násio, J-D. (1995). *O Olhar em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Quinet, A. (1998). *As 4+1 Condições da Análise*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Siqueira, E. S. (1996). Interrelação entre a Teoria e a Clínica - O olhar de Clara. *Psicanalítica*. nº 4, 17-33, Recife.